

28 de Janeiro de 2010

A DERROTA E O CONTRA-ATAQUE

por Mário Soares

Com a vitória eleitoral dos republicanos americanos em Massachusetts a imprensa mundial, de larga maioria conservadora, para não dizer reaccionária, rejubilou. Foi a derrota do incómodo Barack Obama, que levantou tantas esperanças – e ilusões, atreveram-se agora a dizer – com a sua vitória de há um ano. Os comentadores suspiram de alívio, mesmo no nosso canto europeu, normalmente indiferente ao que se passa no Mundo...

A própria Esquerda radical, que dificilmente suportou que o vento progressista, com Obama, soprasse dos Estados Unidos, se aliou à Direita para concluir, antes de tempo, que Obama está prisioneiro do complexo industrial-militar e, sobretudo, dos grandes lobbies financeiros e não pode cumprir as suas promessas.

Contudo, dias depois da vitória de Scott Brown, Barack Obama reagiu e deu razão à crítica que lhe faziam muitos dos seus eleitores: “que tinha salvo os bancos, injectando milhões de dólares no sistema para o salvar, sem valer às vítimas: os contribuintes”. E daí partiu para a defesa destes, atacando, nas suas falhas, Wall Street. Pôs-se, assim, ao lado de Main Street, as pessoas, contra Wall Street, o sistema financeiro, responsável pela crise. Finalmente! Para que tudo não fique na mesma ou com simples mudanças aparentes, sem se tocar nas causas essenciais: os paraísos fiscais; os prémios milionários dos gestores; as grandes negociatas especulativas, as bolhas de diferente natureza, a impunidade dos corruptos e dos corruptores... Um exemplo que Portugal também deve ter em conta.

Barack Obama propôs-se regulamentar o sistema bancário. E anunciou as suas ideias com clareza. O momento escolhido foi o melhor. Goldman Sachs tinha acabado de anunciar ganhos excepcionais de 4,8 mil milhões de dólares, no terceiro semestre de 2009, acima das previsões e 16,2 biliões de emolumentos, bónus e salários, a repartir pelos quadros. E, como é evidente, num sistema democrático, livre, a cólera das pessoas em dificuldades – e das vítimas das especulações financeiras – não se fez esperar...

Barack Obama anunciou ainda a separação entre os bancos comerciais, abertos aos depósitos públicos e que não devem especular com eles, e os bancos de investimento ou de negócios. Também pretende que os bancos – todos eles – sejam diminuídos no seu tamanho, para que em caso de dificuldade, o Estado, isto é, os contribuintes, não tenham que os intervencionar para os salvar da falência, como foi o caso, durante o início da crise. Por isso aposta na regulação do sistema financeiro, com normas estritas e põe em causa os paraísos fiscais, que os bancos não poderão, de futuro, utilizar. Porque é por aí que passam as grandes especulações...

Diga-se que os mercados financeiros americanos e europeus entraram em baixa – e turbulência – a seguir ao discurso de Obama. Mas o prémio Nobel Joseph Stiglitz saudou as medidas anunciadas por Obama, como vários outros economistas europeus e americanos. Entrou-se, assim, numa nova fase. Veremos o que se irá seguir...

Como aqui tenho escrito, por diversas vezes, a saída da crise passa, necessariamente, por um novo modelo de desenvolvimento, que regularize o delírio do capitalismo especulativo, que concentra a riqueza nas grandes empresas multinacionais, sem regras éticas, criando cada vez mais pobreza, desigualdades sociais, desemprego e uma inevitável crispação no mundo do trabalho e dos que o não conseguem, mesmo com grandes qualificações profissionais.

O sinal dado agora por Barack Obama é fundamental. E terá, espero, consequências positivas na União Europeia. Se assim não for, o Ocidente entrará em inevitável decadência perante um Mundo multilateral em que os Estados emergentes contam cada vez mais.

Portugal, no momento difícil que atravessa, deve ter cuidado com o aumento da dívida pública e o endividamento das famílias. Mas, mais ainda, com o mundo do trabalho, com crescente desemprego, a precaridade, a pobreza e o risco de falência das pequenas e médias empresas. Nas negociações que decorrem, para aprovação do Orçamento, não deve perder isto de vista. E como Sócrates provou que aprende bem – e depressa – será bom que reflecta na corajosa mensagem que Barack Obama acaba de dirigir ao Mundo. E que também se aplica a Portugal.

